

Um prêmio à criatividade

Cuca Fromer*

Não considero tarefa fácil escolher um trabalho jornalístico que mereça um prêmio. Muitos quesitos devem ser avaliados ou, pelo menos, considerados. O tema, o enfoque, a mídia escolhida para aquele tema com aquele enfoque, a estrutura da reportagem, a criatividade no tema escolhido e na forma de tratá-lo e, principalmente, o texto.

O texto é a ferramenta fundamental no jornalismo não importa o meio: jornal, revista, web, rádio, TV. Jornalistas têm de saber escrever. Esse é o critério da exclusão: o texto. Então, em meio a mais de 100 trabalhos, separamos não muito mais de duas dezenas. Admito que haja muito de subjetivo na escolha. É um perceber que esse(a) garoto(a) leva jeito para a “coisa”.

Em um prêmio com a proposta do Rumos Jornalismo Cultural, de trabalhar com os escolhidos no aperfeiçoamento para o exercício competente da profissão, o fato de percebermos que esse ou aquele merece a oportunidade é fundamental.

O curioso é que, embora considere o critério “aposto nesse” subjetivo, na primeira reunião da comissão de jurados vimos que concordávamos em muito. Havíamos, sem nunca antes termos nem nos conhecido, selecionado para discussão os mesmos trabalhos. Tivemos discordâncias, ainda bem, mas, no geral, concordamos sobre as escolhas.

A cultura popular é, sem dúvida, campeã na escolha de temas. Se por um lado é bacana que os jovens estejam antenados com as raízes culturais do país, por outro senti falta da novidade, da ousadia no tratamento da informação, que considero papel do jornalismo cultural. Estar à frente de seu tempo, trazer para o “grande público” o que ainda não veio à tona, revelar tendências não foi certamente o foco dos trabalhos inscritos. Havia a liberdade de escolher forma e conteúdo, o que não é comum. Em geral, trabalhamos em revistas, jornais, TVs, rádios, web, assessoria e para cada um dos meios a forma já está determinada. Mesmo assim nada de realmente instigante surgiu. Mas todos os criativos foram contemplados.

Foram escolhidos trabalhos de 15 estados do país. Essa diversidade me impressionou, acostumada que estou com o jornalismo do eixo Rio–São Paulo. Não nos preocupamos com esse quesito – a diversidade regional – na escolha dos trabalhos, e ainda assim aconteceu. Faz-se jornalismo em todo o país, o que é ótimo.

Acredito que sempre se possa fazer algo de novo no formato do jornalismo. A internet coloca uma série de ferramentas à disposição do jornalista – texto, fotos, vídeos, áudios, interatividade – que permitem pensar um modo diferente do usual para estabelecer a relação com o leitor/usuário da informação. Esse universo é especialmente propício para o jornalismo cultural, que pede ousadia, criatividade, e tem sempre espaço para o novo. Refletir sobre essas ferramentas e seus usos é função desses jovens.

Nada, no entanto, salvará uma pauta ruim, uma apuração capenga, um texto pobre. A meta sempre será o rigor na apuração, a pauta inteligente, o texto honesto, correto, independentemente da mídia escolhida. Pensar no leitor, colocar-se no lugar dele, perguntar-se se você leria aquilo e, se lesse, se entenderia, segue sendo condição *sine qua non* para o exercício do jornalismo.

Acredito que para os escolhidos participar das oficinas e dos colóquios do Rumos Jornalismo Cultural será uma experiência relevante na formação profissional e também um enorme prazer.

* Cuca Fromer é Gerente de Projetos Editoriais do Portal Terra Brasil. Trabalhou na Folha de S.Paulo, na Veja e no Diário do Grande ABC, entre outros.